



UNICAMP

EVENTO: Festival de Inverno de Campos do Jordão

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 02 de julho de 1994

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: CADERNO 2



Campos investe na música do século 20

Com 75 apresentações em 21 cidades, começa hoje o 25º Festival de Inverno de Campos do Jordão

ENOR PAIANO

A meteorologia prevê um inverno polar, mas a discussão sobre o papel da música contemporânea promete esquentar a partir de hoje com a abertura do 25º Festival de Inverno de Campos do Jordão. Tendo como tema a "Música do Século 20", o festival terá 75 atrações em 21 cidades, as principais em Campos do Jordão e São Paulo (veja quadro abaixo), além de aulas para 600 bolsistas de todo o País, encontros e conferências, todos tendo como pano de fundo a produção musical contemporânea.

O regente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Eleazar de Carvalho, abandonou a direção artística do festival este ano, mas isto está longe de indicar uma discordância do regente quanto aos seus rumos. A orquestra toca esta noite três obras do nosso século: o *Concerto para Violoncelo e Orquestra*, de Shostakovich, a *Sinfonia nº 7*, do norte-americano Ezra Laderman, e

uma *Fanfarra* escrita especialmente para os 80 anos do maestro por James Sellars. Para quem ainda tem dúvidas, Eleazar de Carvalho, 82 anos, garante: "Eu sou o apóstolo da música contemporânea no Brasil".

★
Caderno 2 — Como é a presença da música contemporânea no repertório da Orquestra Sinfônica Estadual?

Eleazar de Carvalho — O diretor de uma orquestra é o médico da sensibilidade daquela comunidade. Não adianta dar um litro de cortisona que você mata o doente. Todos os anos a orquestra faz um festival de música contemporânea. Quando comemoramos 20 anos, há dois anos, fizemos 31 programas só com autores contemporâneos. Sou o apóstolo da música contemporânea no Brasil.

Caderno 2 — Fora do País o senhor mantém esta posição?

Carvalho — Quando assumi o posto de regente em Saint Louis, minha proposta era transformar a cidade na Baden Baden dos EUA. Estiveram por lá John Cage, Pousseur, Luciano Berio, Boulez, Stravinski, Xenakis, Boulez e Stockhausen, que trabalharam com a orquestra e, quando foi o caso, regeram suas próprias obras. Organizamos também vários colóquios sobre música contemporânea.

Caderno 2 — E a "dose exagerada"?

Carvalho — Uma vez regê a peça *Santos Futebol Music*, de Gilberto Mendes, e ele queria que tivesse um bate-bola no palco, e eu marcasse um gol. Aí é demais.

Caderno 2 —

Compositores poloneses, como Penderecki e Gorécki (que vem para o festival) abandonaram o atonalismo, voltaram para a tonalidade e recuperaram o público.

Carvalho — Aquele modernismo sem pé nem cabeça ficou obsoleto. A conquista da música contemporânea é a liberação da necessidade do ponto final. Hoje a frase está aberta. No século 20 apareceu de tudo — até partitura que era um mapa rodoviário eu vi. Os compositores abusaram tanto que hoje estão repensando. Isto acontece também em outras



O grupo americano Turtle Island String Quartet é uma das atrações do festival na próxima semana

PROGRAME-SE PARA AS PRINCIPAIS ATRAÇÕES

Orquestra Sinfônica do Estado de S. Paulo

Reg. Eleazar de Carvalho; solista: Antonio Menezes

2 SAB CJ Aud. Cláudio Santoro

Nusrat Fateh Ali Khan

Cantor paquistanês

3 DOM CJ Aud. Cláudio Santoro

4 SEG SP Teatro Sérgio Cardoso

Turtle Island String Quartet

Quarteto faz fusão de jazz e música erudita

6 QUA CJ Aud. Cláudio Santoro

8 SEX CJ Aud. Cláudio Santoro (c/ Orq. Jazz Sinfônica)

12 TER SP Memorial da América Latina (c/ Jazz Sinfônica)

Mystère des Voix Bulgares

Coral feminino da Bulgária

9 SAB CJ Aud. Cláudio Santoro

10 DOM SP Teatro Sérgio Cardoso

Orquestra Sinfônica Nacional Argentina

Segundo conjunto de seu país

9 SAB SP Memorial da América Latina

10 DOM CJ Aud. Cláudio Santoro

Elmar Oliveira

Violonista norte-americano; acompanhado de Roberto Koenig (piano)

11 SEG SP Teatro Sérgio Cardoso

12 TER CJ Aud. Cláudio Santoro

Meredith Monk

Artista multimídia de vanguarda dos EUA

14 QUI CJ Aud. Cláudio Santoro

15 SEX SP Memorial da América Latina

Orquestra da Rádio Polonesa de Katowice

Grupo se apresenta com a presença do compositor Gorécki

16 SAB CJ Aud. Cláudio Santoro

17 DOM SP Memorial da América Latina

La Traviata

José Possi Neto dirige montagem com bolsistas do festival

17 DOM CJ Aud. Cláudio Santoro

Tricia Park e Orquestra Experimental de Repertório

Jamil Maluf rege com violinista americana de 17 anos

19 TER CJ Aud. Cláudio Santoro

20 QUA SP Memorial da América Latina

Gunther Schuller

Maestro rege orquestra de professores com solista Cristina Azuma

20 QUA CJ Aud. Cláudio Santoro

Joe Zawinul e Orquestra Jazz Sinfônica

Tecladista de jazz interpreta sinfonia em sete movimentos

21 QUI SP Memorial da América Latina

22 SEX CJ Aud. Cláudio Santoro

I Vocalisti

Grupo italiano liderado pela soprano Ileana Cotrubas

21 QUI CJ Aud. Cláudio Santoro

24 DOM SP Memorial da América Latina

David Starobin

Violonista americano especializado em música contemporânea

23 SAB SP Sala São Luiz

Endereços: Aud. Cláudio Santoro: av. Arrobias Martins 1880, (TEL) (0122) 62-2334, 62-1990.

Memorial da América Latina: r. Mário de Andrade, 664 (TEL) 823-9787. Teatro Sérgio Cardoso: r. Rui Barbosa, 152 (TEL) 288-0136.

Ingressos: gratuitos. Em São Paulo, os ingressos serão trocados por um agasalho.

Horário: todas as apresentações acontecem às 21h, exceto a Orquestra Nacional da Argentina em Campos do Jordão (16h).

Festival está 50% mais caro que o de 1993

Para o secretário de Estado da Cultura, Ricardo Ohtake, a programação do festival deste ano faz parte de "um projeto para fazer a música contemporânea avançar em São Paulo". O secretário tomou informalmente a direção artística do festival dando a ênfase na música contemporânea e na chamada "world music". Para Ohtake, a ampliação da Orquestra Sinfônica do Estado, que cresceu de 75 para 120 músicos, também faz parte deste projeto de incentivo à música da atualidade: "Muitas peças contemporâneas exigem uma constituição maior da orquestra e no ano passado tivemos de chamar 40 músicos de fora para tocar Mahler", lembra Ohtake. "Uma orquestra assim não pode estar sujeita a este tipo de eventualidade."

Os custos do festival estão calculados em R\$ 1,7 milhão, que serão divididos pela Ação Cultural Integrada — R\$ 1 milhão em verbas de empresas estaduais como Cetesb, Cesp, Eletropaulo e outras — e empresas privadas (Souza Cruz, Tabacow, Vasp e Varig), além da Secretaria de Estado da Cultura, que entra com R\$ 200 mil. Os custos totais são 50% superiores aos de 1993: "O festival faz 25 anos e tínhamos as verbas adicionais da Ação Cultural Integrada, então resolvemos ampliar as atrações e o número de bolsas", afirma Ohtake.

Dos R\$ 1,7 milhão previstos, R\$ 540 mil serão gastos com os bolsistas, e R\$ 1,160 com concertos, o que dá um custo de R\$ 900 por bolsista, e R\$ 15,5 mil por concerto.

A organização do festival acredita também que o público deve crescer: no ano passado 60 mil pessoas assistiram aos espetáculos e este ano espera-se um público entre 80 e 100 mil pessoas. (E.P.)

Nusrat moderniza a estética sufi

LOURIVAL SANT'ANNA

Especial para o Estado

LONDRES — No século 12, quando o islamismo se expandia pela Ásia, um grupo de sufistas, uma seita mística muçulmana, decidiu imigrar com seu líder espiritual do Afeganistão para a Índia, com a missão de levar a palavra do Profeta. O mestre morreu e seus seguidores entoaram cânticos místicos sobre sua tumba para proteger seu corpo. Começava assim na antiga Índia a tradição dos qawwalis, os músicos que com sua arte aproximam os homens de Deus.

A história seria exclusivamente oriental, se não fosse por Peter Gabriel, que descobriu o cantor paquistanês Nusrat Fateh Ali Khan e passou a produzir seus discos e shows no Ocidente. Nusrat, que se apresenta amanhã no Auditório Cláudio Santoro, em Campos do Jordão, e segunda-feira no Memorial da América Latina, é descendente direto desta linhagem. Depois de cantar com os Gipsy Kings, ele planeja agora gravar com Sinead O'Connor.

Em sua passagem por Londres, quando lotou o Royal Albert Hall, o cantor adiantou ao *Caderno 2* que apresentará em São Paulo um repertório clássico — no sentido qawwali do termo —, baseado em seu disco mais recente, *O Último Profeta*, lançado este ano. "Estou ansioso por tocar no Brasil", disse Nusrat. "Disseram-me que os brasileiros têm bom ouvido".

E os ouvidos brasileiros devem ficar tocados com a primeira música do *Último Profeta*, *Maki Madni*. Ela começa com uma gaita familiar, que estranhamente lembra Luís Gonzaga, em meio a todo o resto exótico. Nusrat canta em urdu, árabe, hindi e persa medieval. Não é estranho um músico místico paquistanês fazer su-

neia na Universidade de Hartford e analisou uma composição minha chamada *Variações Sobre Duas Séries para Percussão*. Ele perguntou por que eu desprezei as leis criadas por Schoenberg e Babitt — se eu tinha um método próprio ou usei o acaso. Respondi que Aristóteles já

dizia que o acaso rege a arte. No meu aniversário ele fez esta composição, cuja soma de 32 números combinados aleatoriamente e 48 "pitches" (alturas) representando letras que são uma declaração de feliz aniversário resulta na minha idade de então — 80 anos.



Nusrat: descendente direto da tradição dos qawwalis indianos

cesso nos Estados Unidos e no Japão? É Nusrat que responde: "As notas musicais são universais, a música não tem barreiras". Só soa como lugar comum para quem não ouviu Nusrat e os 11 músicos que ele leva ao Brasil.

CANTOR FOI LANÇADO NO OCIDENTE POR PETER GABRIEL

Na melhor tradição qawwali, ao cantar Nusrat transpõe as barreiras não só culturais, mas da distinção entre o humano e o divino. Destinada a celebrar a comunhão com o Profeta e Deus, a música leva o cantor e o público ao êxtase, seja ele místico ou puramente estético. Nusrat, um homem de 46 anos consumido pela diabete e outras complicações de saúde e oprimido pelo peso do próprio corpo (150 kg), se eleva acima de tudo ao cantar. É a versão moderna do missionário sufi, que usava os cânticos para converter os infiéis.